

Nadëb do Rio Negro - Quem foi e quem é?

Maria Rodrigues Gomes

Artigo

Revista Antropos – Volume 2, Ano 1, Maio de 2008

ISSN 1982-1050

Proposta de nomenclatura e reconhecimento étnico-cultural de um povo no Médio Rio Negro

INTRODUÇÃO

O alvo inicial deste artigo é a historiografia para nomenclatura e reconhecimento de um povo disperso e sem uma identificação objetiva com nenhum outro grupo indígena da região no Médio Rio Negro, nas imediações do município de Santa Isabel do Rio Negro, Noroeste do Amazonas.

A pesquisa de campo foi motivada pela observação da clara distinção social entre os Nadëb do Roçado, Rio Uneixi, e outro grupo próximo, conhecido como Nadëp, Nadëb, Kuyawí, Kaborí ou Caboclos das imediações de Santa Isabel do Rio Negro. Tal pesquisa foi realizada do mês de Maio de 2007 a Abril de 2008.

O acesso aos sítios¹, assentamentos, comunidades, rios e igarapés deu-se através de um bote motorizado de aproximadamente 5 metros. O primeiro assentamento Nadëb, Ilha do Chile, nas proximidades de Santa Isabel do Rio Negro fica a 25 minutos rio acima. A comunidade Boa Vista, mais distante dos assentamentos, fica 3 horas rio acima, essa distância calculada foi por meio de um motor de popa 15hp. No entanto, eles também estão localizados em outros lugares ao longo do Rio Negro e seus afluentes da margem direita como Uneixi, Téa e os Igarapés Monte Alto, Aiquari e outros.

Esta pesquisa mostra os fatores de relevância para que esse povo seja reconhecido nominalmente e socialmente dentre os outros habitantes do Médio e

¹ "Sítios" aqui não têm o mesmo significado da denominação de sítios em outras regiões do Brasil. São apenas locais ao lado de comunidades de povos ribeirinhos, onde constroem suas moradias para beneficiarem-se dos recursos públicos da mesma como: escola, saúde, etc.

Alto Rio Negro. Na presente circunstância eles não são percebidos como "Nadëb" pelo grupo residente no Uneiuxi, apesar de ser este o grupo claramente mais próximo, nem tampouco se identificam como parte daquele ou de outro grupo, o que os leva a viver em um hiato de identidade étnica e sociocultural.

A ausência de um denominador étnico gera a seguinte problemática: o desligamento do grupo com sua terra natal (homeland), a auto-desvalorização cultural em face da ausência de uma identidade definida e aceita, e por fim a ausência de apoio público governamental objetivo, visto que não fazem parte, de forma reconhecida, de nenhum grupo da região.

O grupo em questão pertence à família lingüística Maku.

Denominação Maku

A denominação Maku é o termo mais citado tanto pela literatura etnológica como pelos regionais, embora um termo muito geral, e aplicado para alguns grupos indígenas que habitam a região Noroeste do Amazonas no Brasil, além de regiões vizinhas como Colômbia, Venezuela e Equador. No Brasil, esses povos são os Dâw, Hupd'äh, Yuhupdeh e Nadëb que fazem parte do grupo Maku Oriental.

Conforme Silverwood-Cope (1972) os Maku Orientais são conhecidos como "índios da floresta" e são classificados de "caçadores e coletores".

O nome Maku, tão conhecido e usado é de fato pejorativo no trato relacional. Na literatura etnográfica podemos ver algumas interpretações do significado desse termo Maku. Para Martins (2005, cf. Athias), geralmente a tradução encontrada para esta palavra é *aquele que não tem língua ou ainda aquele que não tem a nossa língua*, pois [ma-aku] é composto por *ma=prefixo privativo e aku=língua*.² Para Koch-Grünberg (1906) as tribos Arawak foram os primeiros invasores da Região do Rio Negro, onde já habitavam os povos nômades dos quais eles chamaram de Maku. Conforme Münzel (1969-72:138) este termo Maku era aplicado pelos regionais a diversos grupos indígenas de línguas e culturas que não compartilhavam de forma plena da cultura indígena dominante nessa área e para quaisquer índios arredios à

² MARTINS 2005:12

cultura nacional. Por isso, sofriam discriminação sendo tachados de “bichos do mato”, “índios bravos”. Entre eles mesmos eram usadas, como insultos, as seguintes expressões: “*filho de maku*”, “*índia maku*”.

Para Martins (2005:12-13) o significado mais adequado para a palavra Maku, possivelmente seria “*escravo*” ou “*servidor*” tendo em vista a escravização dos Maku pelos Arawak e Tukano até os dias de hoje. Também os Tukano referem os Maku de [pusí] que significa “*servidores*” ou “*sujos*”.

Ainda hoje, o termo Maku tem sido usado no dia-a-dia por alguns desta região como forma de xingamento como: “*sujo*”, “*ladrão*”, “*bicho-do-mato*” ou “*bêbados*” como era o caso do povo Dâw, na região de São Gabriel da Cachoeira.

Ainda hoje, ocorrem situações de discriminação, como relatou a missionária e pedagoga Rozani Mendes. Em Abril de 2007, o senhor Jair (Dâw) fora internado no hospital de São Gabriel da Cachoeira e tratado de forma preconceituosa sendo chamado por um destes termos citados acima. Este, por sua vez, ficou bem ressentido e pediu para que a missionária interviesse e desse melhores explicações de quem ele era. Portanto, os grupos desta família têm rejeitado este nome Maku por causa do seu significado pejorativo em face ao desprezo generalizado por parte dos regionais na história das suas relações sociais e necessidade econômica de integração. Há no meio antropológico e lingüístico uma discussão e desejo de mudança do termo Maku para um outro que melhor identifique essa família lingüística.

Por outro lado, o grupo Nadëb da Aldeia Roçado, no alto Uneiuxi que se autodenomina Maku Nadëb ou Nadëb. O seu Cacique, Sr. Joaquim Elias Batista disse que não concorda com a mudança do nome, pois este faz parte da história da criação do povo. Onde o mito da criação relata que o criador chamou-os de “*makũh*”, que quer dizer “*finado*”. Assim, o criador chamou para a terra àqueles que estavam no céu. Münzel pesquisador entre os Kaborí do Rio Negro confirma isso:

Certo grupo do alto Uneiuxi, os “Kaborí de Roçada”, mencionados mais adiante se autodenomina “Maku”, o único neste rio a manifestar orgulho em vez de vergonha de ser “índio”, é o menos

aculturado e o que por mais tempo soube manter sua independência (Münzel: 1969: 139).³

Isso prova que o processo de discriminação partiu muito mais dos abusos e usos dos exploradores tanto brancos quanto indígenas para com esse povo Maku. Nota-se que os menos explorados não tem o mesmo preconceito do termo. Até hoje, esse grupo permanece mais independente dos “patrões”, são menos usados pelos “índios dos rios” (outras etnias como Baniwa, Baré e Tukano) e tem uma boa auto-estima em relação a quem são.

SUA HISTÓRIA

Etnicidade Nominal

Trata-se da história nominal desse grupo apoiando-se nos poucos registros específicos na literatura etnográfica, nas informações orais acerca da etnicidade nominal e na sua origem geográfica. Neste artigo irei propor a denominação “**Nadëb do Rio Negro**” como a melhor forma de reconhecimento da identidade étnica e social do grupo em questão.

Exporei ao longo deste artigo as argumentações geográficas referendadas oralmente pelos senhores Joaquim, cacique da aldeia do Roçado, Alberto Sabino e Paulino de Sousa, moradores da Ilha do Chile, bem como as argumentações etnológicas citadas por Münzel e Koch-Grünberg que nos levarão a uma conclusão de que o povo em questão deve ser denominado de “Nadëb do Rio Negro”. Sendo assim reconhecido o Rio Téa, afluente do Negro, de onde vieram até se dispersarem e habitarem o Rio Negro, como sua terra natal e dado a este povo o reconhecimento étnico distinto e único. Utilizarei doravante o termo “Nadëb do Rio Negro” ao referir-me a este grupo Maku proveniente do Téa.

Os Nadëb do Rio Negro são um grupo étnico conhecido na literatura etnográfica e pelos regionais por vários nomes como: Maku, Nadëb, Nadöbö, Anodöub, Makunadöbö, Guariba, Guariua-tapuyo, Kabori ou Kabari, Xiriwai ou Xuriwai, Kuyawi, kamã e Nadëp.

³ MÜNZEL 1969: 139

Eles estão bem espalhados, habitam as margens do Rio Negro e Igarapés, bem como boca dos afluentes do Rio Negro: Rio Uneiuxi e Téa (temporariamente). Alguns poucos se estabeleceram na cidade de Santa Isabel do Rio Negro, centro urbano mais próximo. Em geral vivem em sítios ao lado de comunidades ou dentro delas. Às vezes, só o grupo doméstico como um casal e seus filhos ou o grupo local com seus parentes como cunhados, genros e noras, mães viúvas, netos e tios solteiros, denominada família extensa ou local. As duas comunidades com o maior número de Nadëb do Rio Negro são Boa Vista e Tabocal do Uneiuxi. Alguns são miscigenados com índios do Rio Negro como Baré, Tukano, Baniwa, Desano e Kuripako. No entanto, é possível fazer a distinção entre eles, assim que se adentra uma de suas comunidades pela característica das suas moradias.

Münzel referindo a eles como Kaborí diz o seguinte:

Kaborí: "Homem" na língua dos Kaborí, que ainda às vezes se chamam assim. Designação também preferida pelos regionais, parece-me justo usá-la para os Makú do Uneiuxi como grupo autônomo.

Kamá: Termo pouco usado às vezes desconhecido pelos regionais, serve aos kaborí mais raramente como autodeterminação e com maior frequência, para designar grupos Makú fora da região do Uneiuxi.

De outros nomes para os Makú entre o Rio Negro e Japurá, só encontramos um em uso no Uneiuxi: Nadöb: "Gente" na língua dos Kaborí; designação dada por eles aos Makú ainda sem contacto com a sociedade nacional.⁴

Percebe-se a variação de nomes e etnônimos referidos no decorrer da história das relações étnico-sociais, especialmente quando essas variações são usadas para defender-se dos preconceitos da posição inferior na escala social indígena. Pode-se afirmar que essas alterações nominais estão ligadas ao problema histórico da posição inferiorizada de valor social trazendo as mais variadas e confusas versões dos etnônimos, denominações e autodenominações. A literatura etnológica concorda que

⁴ MÜNDEL 1969: 138, 139

a insegurança psicológica dos Maku em relação aos povos dos rios (seus vizinhos regionais) está ligada à insegurança da identidade e denominação. Isso, em vez de afirmá-los, só os leva à projeção da discriminação diante de outros semelhantes. Münzel conclui:

Sem uma caracterização geral do embate intersocietário que liga os Makú àqueles que os denominam com desprezo, não será possível esclarecer o assunto dos nomes tribais, faceta de um todo mais amplo.⁵

Os Nadëb do Rio Negro, por habitar as margens do Rio Negro, próximos dos neobrasileiros e brancos num processo de aculturação forçada vivem numa insegurança psicológica denominacional. Alguns quando entrevistados acerca de qual povo pertenciam, usaram as seguintes frases em suas respostas: “*nós é civilizado*”, “*fui criada com pai e mãe branco*”, “*nós não é índio não*” (*Nadëb do Rio Negro – moradores do Sítio Abianaí*).

Na comunidade Boa vista, eles se autodenominaram de *Kuyawi*, nome já citado na literatura (Martins: 2005), na qual, se diz ser um termo usado pelos velhos da etnia Baré para se referir aos Nadëb do Rio Negro. Assim, disseram de forma preferencial, especialmente, quando questionados se faziam parte ou não dos Makú Nadëb. Estes que habitam esta comunidade, sendo a sua maioria Nadëb do Rio Negro, por um lado, possui características diferenciadas e são bem aculturados com os caboclos, especialmente na área da comunicação. Todos eles usam o Português e a Língua Geral com boa fluência e somente alguns poucos velhos ainda falam a língua tradicional. Porém, os mais novos e as crianças falam pouco a Língua Geral (Nheengatu) e usam mais o Português, especialmente por causa da educação escolar que funciona só na língua portuguesa. Por outro lado, a distinção é bem notável, especialmente nas construções das casas, características físicas e modo de viver.

O que autentica que os autodenominados “Kuyawi” fazem parte do mesmo povo é a ligação por parentesco com outras famílias como os moradores da Ilha do Chile, sítio Monte Alto, Ilha Otrão e Tabocal do Uneiuxi. Quando interrogados sobre

⁵ Idem, 140

seu parentesco mais amplo, logo é possível afirmar que são Nadëb ou Maku Nadëb. O etnônimo “Kuyawi” era um termo desconhecido entre os habitantes fora do círculo da comunidade Boa Vista.

Münzel cita outros etnógrafos como Loukotka, Schultz e Tastevin, em meados de 1920 a 1959, afirmando que os Maku até agora estudados linguisticamente nesta área de fato pertencem ao bloco Maku. Por exemplo, os de Boa-Boá, antigamente considerados “brabos” por moradores da região e sendo indicados como parte do reduto Guariba, afirmavam o parentesco lingüístico com os Maku “brabos” entre o Rio Negro e o Japurá e os “mansos” estudados por Koch-Grünberg. Também Biooca, que apóia sua tese em Tastevin, afirma a filiação Maku dos Guariba.

De acordo com Weir (1984) citando alguns pesquisadores dos Maku diz que Koch-Grünberg (1906:881) fala de um viajante austríaco, o Johann Natterer, quem em 1831 colheu uma lista de vocabulário junto ao grupo de Nadëb que habitava o Rio Téa, no entanto, esta lista foi perdida.

Apesar de não haver muitos escritos sobre esse grupo específico, o que existem junto às informações orais leva-nos a crer que sua habitação original foi o Rio Téa, de onde tiveram acesso ao Rio Negro, possivelmente através de um varadouro (trilha na mata).

Na época, Münzel (1969) os designou de *Kaborí*⁶, por ser um termo preferencial em relação à Maku e Nadöb. Certamente para diferenciar Maku “bravos” e “mansos”, como eles próprios se definiam, classificando-se conforme o nível de contactos e aproximação da cultura regional de outros indígenas, caboclos e brancos que exploravam a região.

Um fator que pode chamar atenção para a confusão de nomes entre esse grupo que habita o curso do Médio Rio Negro é o tempo de miscigenação de aproximadamente 70 anos em que estão sendo encurralados por outros povos etnicamente mais fortes. Foram perdendo a sua própria história a partir da morte dos

⁶ Kaborí na língua Nadëb significa ‘órfão’ de pai ou mãe ou de ambos. Para os Nadëb do Roçado, conforme o Sr. Joaquim, esse etnônimo foi dado no momento do contato de um deles com o branco. Ao encontrá-lo, o indígena Nadëb, com medo de ser atacado dizia: ‘*não me mate, eu sou órfão de pai e mãe*’ ou seja, sou *Kaborí*. Segundo ele, o branco passou a chamá-los de Kaborí, dizendo ser o nome do povo. O termo foi aceitável, entre estes, pois assim, diferenciava os ‘mansos’ de ‘bravos’.

velhos e deu-se início à negação étnica. Hoje, nota-se que não conseguiram aculturar-se totalmente nem se afirmaram como povo específico, ficando às margens sociais da vida dos regionais.

Conforme lamenta, o Senhor Alberto, morador da Ilha do Chile, 62 anos: “sinto muita falta daquele tempo que nós morava tudo junto, tinha o nosso chefe, fazia as nossas festas. Só comiam coisas do mato, suco de bacaba, açaí, patauí, cará do mato, caçava muito. Nós não comia açúcar, manteiga, nem bebia leite, café, Nescau, Agora aqui só tem água, não tem mato para gente andar, por isso, que eu tô doente. Não tem ninguém pra cantar e dançar. O meu povo agora só fica querendo se amostrar, diz que não é índio. Mas nós é índio mesmo, por isso, que tem dia que eu choro, canto sozinho... por isso, que to indo lá para o Téa, é lá que eu quero ir morar, mas tem esses outros que não quer ir...”.⁷

Atualmente, alguns deste grupo tem tido um bom relacionamento com os Nadëb do Roçado no alto do Rio Uneiuxi, especialmente os que vivem no Tabocal do Uneiuxi. Alguns deles têm mantido uma relação de parentesco por meio de casamentos que tem acontecido entre um grupo e outro. Na própria história oral, mencionam pelo menos um caso de relação matrimonial entre eles no passado, no entanto não bem sucedido, pois a partir dessa relação aconteceram os conflitos. Ambos os grupos reconhecem sua diferença étnica e social.

O missionário Rodolfo Senn confirma a possibilidade de distinção étnica diante das informações obtidas entre o povo e a observação na diferença física entre um e outro.

O Joaquim diz conhecer as pessoas (e/ou descendentes) dos indígenas que viviam no Tea. Segundo ele os Makú que moram espalhados na boca do Rio Uneiuxi e no Rio Negro, e parte da comunidade que mora na aldeia “Terra Cumprida” (no Rio Uneiuxi, perto dos Nadëb da comunidade de “Roçado”) são descendentes do grupo que morava na cabeceira do Tea. Realmente é possível de que os Kuyawi formem parte deste grupo espalhado. O fato de que eles possuam consciência de distinção étnica não é surpreendente

⁷ Sr. Alberto – Ilha do Chile – Junho de 2007.

considerando que o mesmo pode ser observado, por exemplo, entre os Makú de Terra Cumprida e os Nadëb de Roçado.⁸

Ao ouvirmos o relato da cosmovisão dos Nadëb do Roçado concluímos que o mundo deles é composto dos seguintes povos: 1) *Nadëb*; 2) *Grupos conhecidos aos que davam nomes (entre estes estão os Nadëp, Sarama (Yanomami), Majorãã (grupo extinto) e 3) Os mäs (forasteiros - gente branca e outros índios desconhecidos)*.⁹ Os Nadëb do Rio Negro estão inclusos, sendo chamados por eles de Nadëp. Para eles, tanto Tukano, Baniwa, Yanomami, Baré, brancos brasileiros ou brancos estrangeiros são todos “*mäs*” ou “*bäts*”, isto é, “*estrangeiros*” ou “*forasteiros*”.

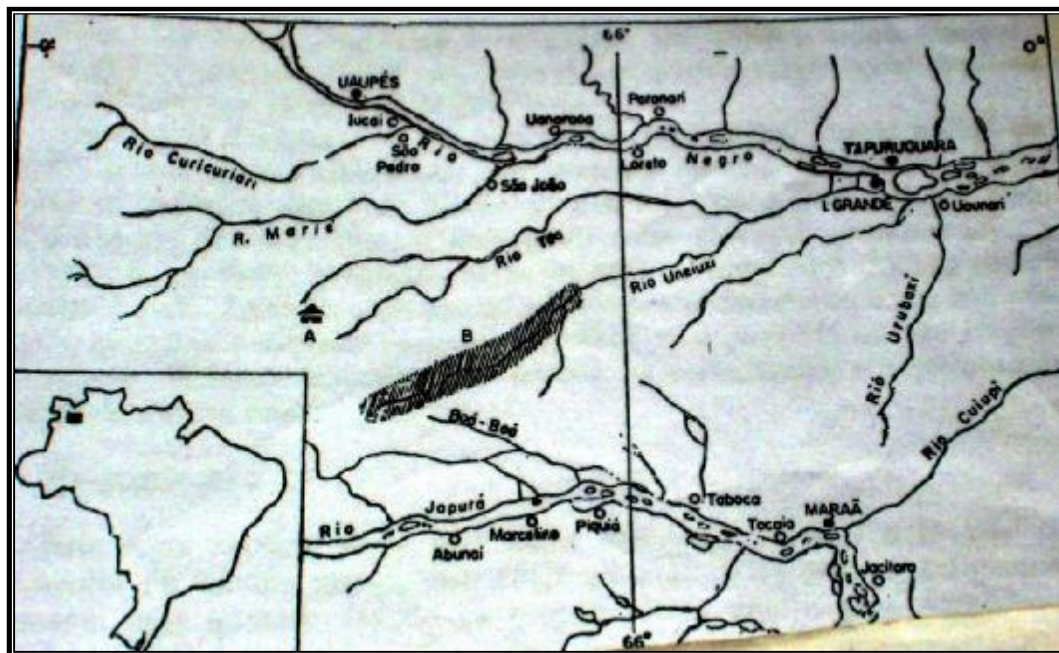
Há possibilidade que num passado muito remoto esse povo tenha sido um só povo com vários clãs, no entanto, nas histórias dos mesmos, hoje, não podemos encontrar essa afirmação, pois já se falam de suas próprias histórias e referindo um ao outro como outro povo, inclusive com o nome “Nadëp”. Eles habitavam regiões diferentes apesar de não tão distantes geograficamente. Os Nadëb do Roçado habitavam as terras firmes (matas) entre a cabeceira do Rio Uneiuxi e o Rio Japurá enquanto que os Nadëb do Rio Negro habitavam as proximidades da cabeceira do Rio Téa. No passado, também tinham contato por meio de um varadouro e atravessavam dois rios para chegar à cabeceira do Téa conforme afirma o Sr. Joaquim (Nadëb do Roçado).

⁸ SENN, 2007 – Lingüista da SIL (Associação Internacional de Lingüística) – Tradutor da Bíblia para a Língua Nadëb, especificamente com o grupo Nadëb do Roçado.

⁹ Sr. Joaquim – Cacique da Aldeia do Roçado.

PROCESSO DE MIGRAÇÃO E DISPERSÃO

Mapa da Localização dos Nadëb do Rio Negro (Kaborí) no ano de 1968.



A – Antiga localização dos Kaborí (Nadëb do Rio Negro)

* B – Região habitada pelos Kaborí¹⁰

Quando parte dos Nadëb do Rio Negro se desentendeu com os comerciantes, fixaram residência no Uneixu nas seguintes localidades: Primavera, Aguiar e São Pedro (*lugares citados por Münzel, no tempo de sua pesquisa*), e ainda em outras como: Lago Kubias, Otrão e Terra Cumprida no Rio Uneixu. Estas últimas, citadas por um Nadëb (Manoel, morador de Boa Vista - Rio Negro) que agora vive com os Nadëb do Roçado.

Atualmente eles não habitam mais os lugares citados pelo Münzel no Rio Uneixu. Os Nadëb do Rio Negro trazem estas características que comprovam o processo de migração entre eles. São semi-nômades, mudando-se diversas vezes ao ano, para acampamentos de caça e pesca. Trabalham junto aos povos dos rios servindo em suas roças em troca de alimentos e produtos industrializados, também

¹⁰ MÜNDEL 1969: 157 - * Região habitada pelos Nadëb do Rio Negro por volta de 1960.

empregados com patrões que exploravam a região com a coleta de produtos silvestres como: castanha, piaçava, cipó e sorva. Não é de admirar a facilidade na movimentação de um lugar para outro ou até mesmo de um rio para outro. Também para resolução de conflitos entre clãs ou parentes.

A migração dos Nadëb do Rio Negro de sua “*homeland*” (terra natal) no Rio Téa para o Rio Negro e sua mobilidade durante décadas são confirmadas na literatura anterior e nos depoimentos de alguns deles hoje.

Os Nadëb do Rio Negro habitaram as proximidades da cabeceira do Rio Téa, afluente da margem direita do Rio Negro. Conforme depoimento do Nadëb Sr. Joaquim, o lugar que moravam recebia o nome de “*ta nooh buuj*” (morador da boca). Citando a literatura, Münzel diz o seguinte:

Procedem das cabeceiras do Téa, exceto os que moram em Roçada e que antes estendiam sobre todo o alto Uneiuxi. Os Kaborí, os Makú do Japurá e os Nadöb (então perto de Roçada) mantinham relações mais pacíficas que guerreiras, visitando-se frequentemente (a pé, desprezando as vias fluviais, provavelmente já atingidas por outros índios). Parecem ter sido estreitas as relações entre os Kaborí no Uneiuxi e os Makú do Japurá, as relações entre Uneiuxi e Boá-Boá (afluente do Japurá) são confirmadas por Schultz. Por outro lado, as relações com os Nadöb parecem ter sido dominadas por desconfiança e ameaças mútuas; houve casamentos, mas “não deram certo”. (Münzel: 1969:146) ¹¹

Münzel citando o Koch-grünberg fala das relações de conflitos entre eles:

Koch-Grünberg menciona os Makú do Médio e baixo Téa, em contacto pacífico com os neobrasileiros, mas em guerra constante com os “Guariua” (Makú “brabos”), das cabeceiras dos afluentes da margem direita do Rio Negro, (i. é, também do Téa) e dos afluentes da margem esquerda do Japurá. (Münzel, 1969, 147). ¹²

Ele relata sobre o relacionamento entre os Nadëb do Rio Negro e os Nadöb (Nadëb do Roçado) com desconfiança e ameaças entre si.

¹¹ MÜNDEL 1969:146

¹² MÜNDEL 1969: 147

Uma família local que habita a Ilha do Chile está retornando ao Rio Téa onde passa alguns meses do ano para fazer as suas roças, caçar, pescar e colher frutos silvestres. Eles estão em um dos lugares antigos onde morou parte do grupo no passado. Autodenomina o lugar de Igarapé Branco, tendo em vista um igarapé de águas claras. Inclusive Sr. Paulino, hoje com cerca de 70 anos viveu ali quando criança de aproximadamente 7 anos.

O depoimento, do Sr. Alberto e do Sr. Paulino (Nadëb da comunidade Ilha do Chile) diz que os Nadëb do Roçado fazem parte do grupo dos guerreiros que flecharam e mataram os seus parentes antepassados na cabeceira do Rio Téa, próximo ao Igarapé do Peixe (lugar onde viviam os Nadëb do Roçado) entre a Cabeceira do Uneiuxi e o Rio Japurá.

Isso comprova os conflitos vividos no passado. Mesmo após os contatos comerciais pacíficos com os neobrasileiros eles continuaram tendo guerras entre os grupos que eram distintos como “mansos” e “brabos”. Na posição de Münzel os Kaborí teriam sido antigos Guariba virados Makú “mansos”, e considerando-se os Guaribas como Makú, esta transformação nada tem de novo.¹³ A história citada abaixo, contada pelo Sr. Joaquim Elias Batista (cacique do Roçado), confirma a relação de conflitos entre um grupo e outro, onde ele usa o termo Nadëp para se referir aos Nadëb do Rio Negro.

“Tinha quatro guerreiros dos Nadëp que morava na boca do Téa. O líder deles chamava Wagó, os outros era Kaaj Damó, Mukura e Baisah. Esses quatro lideravam a guerra. Um dia Wagó casou com uma Nadëb filha de Dapaa nuh (grupo que morava no Igarapé do peixe). Um dia Wagó fez feitiço para o sogro dele e o feitiço virou cobra. Quando o sogro de Wagó foi cavar batata, a cobrinha picou a mão dele, mas não doeu. Quando ele foi assar o peixe a mordida da cobra inchou e ele ficou muito doente. O irmão de Dapaa nuh ficou sabendo e foi visitar ele. Aí ele disse foi meu genro que fez feitiço para mim. Depois ele morreu. Então seu irmão, nome dele era Warahih makuh. Ele falou com o chefe dos Nadëb e convidou os outros para guerrear e matar Wagó. O seu cunhado, Jawéh makuh, morava com Wagó. Quando foi de noite eles ouviram um barulho e Wagó saiu correndo para a casa do chefe dele. E o seu cunhado

¹³ MÜNDEL: 1969, 147

não sabia quem era o inimigo que estava atacando. Ele ficou escondido e viu que era o seu tio. Então Wagó avisou toda a turma para guerrear. Então nessa guerra morreram mais do lado de Wagó do que do lado do seu sogro que era os Nadëb. Só morreu dois B'aa makuh e Katõ makuh. Agora do lado dos Nadëp morreram todos os quatro guerreiros. Quando eles morreram, eles ficaram fraco e com medo dos Nadëb, eles foi embora descendo o rio Téa”¹⁴.

Eles dizem que após os conflitos de guerras e perdas de guerreiros parentes foram descendo o Rio Téa, isto é, se dispersando para ficarem mais distantes dos mesmos com temor de serem atacados tendo em vista a falta de guerreiros também em busca de produtos industrializados com os índios do rio. Assim, parte deles migrou primeiro para o Rio Jurubaxi depois se dispersando pelo Rio Negro e seus afluentes (Téa, Uneiuxi).

O antropólogo Ronaldo Lidório que pesquisou a região do Rio Téa no ano de 2004, identificou, ainda hoje, um varadouro que seguindo em linha reta perpendicular ao Negro saíria cerca de 2 km da Comunidade Boa Vista, no Rio Negro. Seguindo essa hipótese entrevistou o Sr. Raimundo (antigo Nadëb) no sítio Bom Jardim, próximo da comunidade Boa Vista. Este relatou que de fato chegaram logo atrás da comunidade na década de 40 em busca de produtos industrializados, especialmente o açúcar, o que demonstra parte do processo de dispersão deste povo provindo do Rio Téa para o Rio Negro.

De acordo com Münzel a migração dos Nadëb do Rio Negro, provindos do Téa, aconteceu por volta de 1940:

Por volta de 1940, a maioria dos Kaborí mudou-se para o Urubaxi. Sucedeu uma integração de novos com os antigos habitantes Makú deste rio, a par de maior entrelaçamento interétnico, ao trabalharem com os Kaborí como seringueiros. Em 1945, mais ou menos, vitimado por uma epidemia de gripe, que lhes causou grande mortandade, os Kaborí então no Urubaxi mudaram-se para o Rio Negro, ao de Tapuruquara, i. é, para mais perto ainda dos comerciantes. Aumentou o estímulo de trabalhar a serviço dos patrões, a fim de ganharem meios para as suas compras. Nas novas

¹⁴ Sr. Joaquim – Cacique da Aldeia do Roçado – História de um dos conflitos entre os dois grupos. Ele chama os Nadëb do Rio Negro de Nadëp.

relações os Kaborí eram protegidos por um comerciante, que ficou patrão de todos os Kaborí já “mansos”. (MÜNDEL: 1969.151).¹⁵

Isto é confirmado pelo Sr. Joaquim e também Srs. Alberto e Paulino, parte deles migrou para o Jurubaxi e depois para o Rio Negro chegando, por exemplo, às proximidades da fazenda Bom Jardim. Fato também confirmado pela Senhora Beleza, dona de uma fazenda, próxima à comunidade Boa Vista. Houve crescente relacionamento com os patrões, inclusive o Sr. Sérgio Ferreira, o qual se tornou o patrão e “pai de criação” de muitos. Eles ajudaram no contato com o outro grupo (Nadëb do Roçado) por volta de 1955 a 1958. Nesta época, muitos deles já habitando também o Rio Uneiuxi, como fora citado pelo Münzel.

Nisto foi ajudado pelos Kaborí já seus conhecidos que asseguraram um contato pacífico com os Kaborí até então hostis à sociedade nacional. Continuaram hostis só os Nadöb do alto Uneiuxi. Por volta de 1953, os Makú do Japurá teriam atacado os Nadöb, dizimando-os e destruindo sua aldeia. Os poucos Nadöb sobreviventes se teriam refugiado no sítio que ainda ocupam, evitando a partir de então qualquer contacto com outra gente... o ataque mencionado talvez se enquadre nos conflitos entre Makú “brabos” e “mansos”, já citados.... A necessidade desta expansão decorreu talvez do aumento gradativo da pressão (sobretudo involuntária, pelas doenças) da sociedade nacional sobre os Makú “mansos”... Entre 1955 e 1958, os Kaborí ainda no Rio Negro subiram também o Uneiuxi, fixando residência junto aos já ali instalados. (MÜNDEL: 1969.151).¹⁶

Conforme o Sr. Joaquim o contato procedeu da seguinte forma: *“eu era pequeno e fui pescar com meu tio e outros. Quando nós viu que vinha chegando um barco e tinha um homem na proa que falou a nossa língua. Quem é esse que sabe nossa língua? Era um Nadëp, o nome dele era João Canivete. Aí, nós correu para a maloca para avisar os outros, só ficou meu tio, que dizia eu sou Kabari, não me mate. Então, João Canivete falou que o patrão queria falar com eles e tinha trazido muitos presentes (facão, machado, anzol, etc). Daí, depois desse contato, ele levou uns quatro para trabalhar com ele, o nome dele era Sérgio Ferreira. Foi tirar sorva e piaçaba num lugar chamado São João já embaixo no Uneiuxi. Lá já tinha outros*

¹⁵ MÜNDEL. 1969: 151.

¹⁶ MÜNDEL. 1969: 151.

Nadëp. Assim, como demorou voltar aqueles que tinha descido, então outras famílias desceram também para encontrar os parentes. Quando foi mais ou menos em 1960 ou 1961, o missionário Bill chamou nossos parentes e foi subindo o rio Uneiuxi e fez um roçado e mandou o nosso povo morar. Então até hoje chama Roçado. Daí, o resto que tinha ficado lá na maloca desceram todos.”¹⁷

Seguindo estas hipóteses, são grupos com migração e dispersão diferenciadas. Uma característica do grupo Nadëb do Roçado é a maior estabilidade geográfica e clânica em relação ao outro grupo.

Os Nadëb do Rio Negro se organizam em famílias domésticas e grupos locais unidos por laços de parentesco para proteção e subsistência. Portanto, não é difícil encontrar muitos lugares que já habitaram e ainda habitam hoje.

Conclui-se que se trata de um grupo muito instável, vivendo processos ora de desagregação ora de aglutinação intergrupar e étnica. O que se pode notar hoje, é que ocorre uma nova aglutinação intergrupar entre alguns deles. Muitos que viviam fora do convívio do povo (*por diversos motivos como levados por Tukano e outros regionais para lugares distantes para trabalharem com patrões somente pela sobrevivência; servi-los de ama, especialmente as mulheres, de famílias brancas como é o caso da família Beleza; por casamentos*), atualmente tem voltado a conviver com seus parentes e casar-se entre o povo. Também, apesar dos conflitos da relação de casamento do passado, entre um grupo e outro, tem acontecido alguns casamentos entre eles, os Nadëb do Rio Negro e os Nadëb do Roçado.

No ano passado, em 2007 a localidade “Terra Cumprida” (citada acima), no Alto Uneiuxi, distante apenas 1 hora de motor rabeta da Aldeia do Roçado fora abandonada pelos seus moradores. Um dos motivos foi a morte de alguns membros mais velhos da família. O restante se dispersou para outras localidades como Tabocal do Uneiuxi e Aldeia Roçado para conviver com outros parentes e também casarem-se.

É notável uma estabilidade grupar maior entre os clãs dos Nadëb do Roçado que sempre continuaram no Uneiuxi sem dissolução do grupo nem integração a outros Maku.

¹⁷ Joaquim – Cacique da Aldeia Roçado.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E REALIDADE DEMOGRÁFICA

Os Nadëb do Rio Negro formam um povo minoritário, com uma população de 275 pessoas, espalhadas em pelo menos 10 assentamentos ao longo do Médio Rio Negro entre os municípios de Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. Habitam o Médio Rio Negro e seus afluentes e igarapés da margem direita. Ainda ouvimos sobre uma dispersão de alguns indivíduos para outros municípios como São Gabriel da Cachoeira, Barcelos e Manaus (dos quais não temos conhecimento de quantos são). O mapa abaixo mostra a localização dos assentamentos atuais.

A mobilidade entre eles pode ser explicada também pela resolução dos seus conflitos entre os habitantes do grupo local além da busca pela subsistência alimentar. Quando ocorre um conflito familiar, muda-se para próximo de seus parentes em outras aldeias passando ali um período de tempo ou mesmo formando um novo assentamento.



Lailton Almeida - (*Nadëb – Tabocal Uneixi*) – Novembro de 2007.

No Rio Negro eles habitam comunidades como Ilha do Chile e Boa Vista, Sítio Abianai, Sítio Bom Jardim, Igarapezinho Monte Alto, Igarapé Aiquari, Ilha Otrão, Sítio Fílis. No Rio Uneixi habitam a comunidade Tabocal do Uneixi e alguns poucos habitam a Aldeia do Roçado juntamente com o outro grupo de Nadëb do Alto Uneixi. Também estão presentes no Jutai no Paraná Buá-Buá no Rio Japurá (sendo estes últimas informações dos Nadëb da Ilha do Chile).

Cada assentamento possui no mínimo uma família nuclear com sua família estendida. Vejamos a população para cada assentamento: **Ilha do Chile:** 2 famílias domésticas- 19 pessoas; **Boa vista:** 13 famílias domésticas - 105 pessoas; **Igarapezinho Monte Alto:** 1 família doméstica – 8 pessoas; **Ilha Otrão:** 1 família

doméstica – 9 pessoas; **Tabocal do uneiuxi**: 9 famílias domésticas – 105 pessoas; **Sítio Filis**: 2 famílias domésticas – 12 pessoas; **Sítio Abianai**: 2 famílias – 10 pessoas; **Igarapé Aiquari**: 5 famílias – 33 pessoas; **Sítio Bom Jardim**: 2 famílias – 11 pessoas; **Santa Isabel do Rio Negro**: 1 família – 3 pessoas (*quantidade identificada na época da pesquisa podendo haver alterações, em vista da grande mobilidade dos mesmos*).

Nessas estatísticas estão inclusos os maridos e as mulheres de outras etnias os quais são casados com os Nadëb do Rio Negro. Observe o apêndice com o inventário da população Nadëb do Rio Negro.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Parentesco

Os Nadëb do Rio Negro, citado por Münzel (1969) como Kaborí, possuíam um traço diferenciado dos outros indígenas do Rio Negro. Eles faziam parte de etnias endogâmicas, podendo ocorrer a exogamia tribal, como aconteceu, no entanto não vista com bons olhos. Diferenças fundamentais das regras em vigor entre outros índios dos rios nos quais Münzel afirma que a exogamia tribal já era considerada uma regra nova entre o povo do Alto e Médio Negro, influência de uma aculturação intertribal da sociedade regional (Münzel: 1969-159).

O grupo local dos Nadëb do Rio Negro é exôgamo. Para os Nadëb do Rio Negro, a residência por ocasião do casamento deveria ser matrilocal; um homem vai à procura de sua esposa e passa a morar com ela onde moram os seus pais. Entretanto, apesar de ser esse o ideal nem sempre acontece assim. Há casos onde o casal passa a residir no grupo local dos pais do esposo.

O casamento proibido é entre primos paralelos, no caso de filhos da irmã da mãe. No caso de filhos do irmão do pai não se considera ideal, mas é permitido. O par ideal dentro dos grupos locais exôgamos são os primos cruzados bilaterais. Ocorrem exceções até mesmo na exogamia tribal devido ao nível de miscigenação desse grupo com os demais povos da região. Confirma o lingüista Martins:

Houve muita miscigenação através de todos esses anos de contato com os tukano, caboclos e brancos que passaram por essa região, entre estes últimos garimpeiros e viajantes. O fenômeno de miscigenação em alta escala que ocorreu com esse grupo é um caso isolado na família Maku. Entre os demais grupos Maku, o casamento exogâmico é observado raramente e, em todos os casos, é protestado pelos não-Maku e até mesmo por alguns Maku.¹⁸

De forma geral, ainda praticam a endogamia étnica e a exogamia local. Atualmente os Nadëb do Rio Negro encontram alguns problemas dentro da sua organização sócio-familiar e local. A aculturação e miscigenação trouxeram alguns fatores de desequilíbrio para a organização sócio-familiar: mulheres foram usadas e abandonadas com filhos de homens exploradores da região como seringueiros, garimpeiros, viajantes e comerciantes regateiros e dentre estes estão os índios do rio. Dificilmente os filhos sabem quem são os pais e outros nunca os viram. Alguns casamentos com mulheres e homens de outras etnias foram desfeitos e os filhos foram criados pelos avós Nadëb. Outros foram levados para serem criados com patrões para servi-los de ama dos seus filhos. Quando casados com os índios do Rio prevalece a etnia dominante. Há também homens velhos solteiros em suas famílias por não encontrarem esposas e um número relevante de mães solteiras entre algumas famílias, nos quais os pais dos filhos são caboclos da região. Há casos de incestos: irmão com irmã e tio com sobrinha, onde nos dois casos relatados possuem filhos também culturalmente não aceitos. Alguns poucos jovens na faixa de 16 a 22 anos estão praticando a exogamia étnica, especialmente entre as famílias que negam a cultura Maku.

A exogamia étnica, praticada por alguns, especialmente das famílias que habitam a comunidade de Boa Vista e Tabocal do Uneiuxi, foi um ponto relevante para algumas famílias se integrarem mais na cultura dominante. Por outro lado, muitos não se integraram justamente por seguirem as regras sociais do povo. Há

¹⁸ MARTINS 2005: 19.

também casos de alguns se agrupando ao povo Nadëb do Roçado no Uneiuxi e do Jutai no Rio Japurá mantendo uma relação de parentesco afim através do casamento.

Liderança

O centro da autoridade desse grupo parece ser o grupo doméstico, pois não se percebe uma forte e definida figura de chefia sobre o grupo local.

Os Nadëb do Rio Negro não possuem líderes ou conselhos étnicos que julguem as causas de conflitos entre eles. Onde há um grupo local de aproximadamente 20 pessoas com no máximo três famílias domésticas, o pai, sogro ou genro de cada família doméstica faz o que melhor entende. Percebe-se a característica de um grupo etnicamente acéfalo definindo sua liderança de forma independente em cada grupo local.

Segundo Münzel (1969) o líder nos grupos antigos dos Nadëb do Rio Negro era mais um encarregado das relações exteriores, anfitrião e coordenador das caçadas. Anteriormente, também havia o organizador das festas (dabucuris) que decidia quando deveria ser a festa.

Do mesmo modo, Carvalho cita Ramos falando da organização do grupo maku Hupdah, podendo notar-se algumas similaridades:

O grupo doméstico mantém um alto grau de autonomia dentro do grupo local. Como uma unidade discreta, independente dos demais, ele empreende viagens à floresta para caçar, ou às aldeias de índios do Rio para trabalhar. Vão e voltam sem necessitarem dar satisfação aos membros do grupo local. (CARVALHO apud Ramos 2007-5).¹⁹

Esse é um exemplo de organização social e política do povo Hupdah, no entanto, bem similar com o grupo Nadëb do Rio Negro, o que parece ser uma característica dos grupos Maku de forma geral.

¹⁹ CARVALHO, 2007:5

Subsistência

Os Nadëb do Rio Negro como parte do grupo Makú é classificado tradicionalmente como caçador-coletores. No entanto, atualmente, por viver no curso dos grandes rios podem ser classificados como pescadores e coletores. São seminômades e se organizam com base na subsistência. A grande mobilidade do grupo leva a fazer excursões de pesca que podem durar semanas vivendo em baixo de tapiris cobertos de palha ou lona sobre 4 forquilhas.

A pesca é feita com anzol, linha, zagaia, malhadeiras e cacuris (armadilhas feitas de varas para prender os peixes em época de cheia dos rios) muito usado pelos povos moradores dos Rios. O meio de transporte de acesso aos rios se dá por meio da canoa ora a motor rabeta ora a remo. Sobre a técnica que utiliza a planta venenosa para matar peixes dizem não praticá-la mais. O peixe apanhado é usado na alimentação e também alguns comercializam com vizinhos regionais e no centro comercial em Santa Isabel.

A coleta é praticada e os principais itens coletados são: bacaba, açaí, pupunha, patauí, castanha do Pará, tucumã, jatobá, cucura, ingá, maracujá silvestre, cará do mato, mel de abelha e ovos de animais de casco como irapuca (espécie de tartaruga).

A caça é praticada de maneira mais incipiente, tendo em vista o lugar em que estão. Por exemplo, para os que estão no Uneixi e os que vão ao Rio Téa há mais facilidade para caçar, no entanto alguns poucos contam com espingardas e munição usando assim cacetes, terçados e cachorros. A zarabatana não é mais utilizada, pois só velhos (avós) sabiam construí-la.

Eles também são plantadores tendo a mandioca como alimento base. Dela é feita a farinha, o beiju, a massoca e a tapioca. Algumas roças ficam mais próximas das casas de moradias, outras são acessadas via canoa ou caminhada na mata. Especialmente os que vivem em comunidades de outros povos, suas roças são bem mais distantes. Eles, como os regionais, usam o sistema de derrubada e queimada (coivara). Geralmente eles mantêm duas roças, uma mais velha em que já estão colhendo seus frutos e outra ainda sendo iniciada.

Homens e mulheres participam do cultivo das roças. A derrubada e queimada com os homens e o plantio, limpa e colheita com as mulheres. Na produção da farinha alguns homens ajudam no preparo, no entanto o trabalho maior é das mulheres.

Eles conhecem e praticam o plantio de aproximadamente 15 tipos de manivas: Paca, Tatu, Tucumã, Pupunha, Tucunaré, Inajá, Cucura, Trovão, Cunuri, Seis meses, Antinha, Chorona, Esteio, Xiringa, Iurará, Pacua, que certamente foram herdados da cultura de plantio dos índios do Rio.

Alguns poucos plantam a macaxeira, cará e batata-doce. As frutas que mais cultivam são abacaxi e banana com exceção de alguns das comunidades do Tabocal e Boa Vista que tem plantado outras frutas como: cajarana, cupuaçu, açaí do Pará, limão, graviola, manga, kubiú, umari.

Além da caça, pesca, coleta e plantação da mandioca e alguns frutos, alguns velhos Nadëb do Rio Negro tanto homens quanto mulheres são aposentados e algumas famílias recebem ajuda do governo como bolsas (família e escola). Com esse dinheiro eles compram os produtos industrializados como motor rabeta, gasolina, munição, anzóis, vestimentas, redes, panelas e bacias. Também alguns alimentos como café, leite, açúcar, sal, Nescau, arroz e bolachas. Não existe mais o sistema de regatões onde os comerciantes trocavam os produtos por serviço. Geralmente os aposentados juntamente com outros membros da família (às vezes toda família local) vêm à cidade para receber, comprar e pagar o que ficou do mês passado aos comerciantes que eles chamam de “patrões”, onde muitas vezes estão sempre endividados.

Ainda uma outra fonte de sustento é o trabalho com patrões regionais na coleta de cipó, piaçaba e peixinhos artesanais (cardinais) por entre os rios Jurubaxi, Uneiuxi e Téa.

Moradia

A casa ou casas de um grupo local dos Nadëb do Rio Negro em sua maioria não é tão diferente do padrão Makú em geral. Suas construções são apoiadas em forquilhas (postes) e algumas não têm paredes. A cobertura geralmente é de palha e

suas paredes (quando têm) podem ser de barro, cascas de árvores, paus, palhas trançadas e tábuas. Essa estrutura é amarrada com cipó. Quando possui paredes geralmente não tem divisões no centro e a divisão que possui é uma área para frente só com a cobertura sem paredes e a porta de acesso para a parte fechada. Não possui janelas. Algumas poucas são palafitas. Ainda, rara exceção de algumas feitas de madeira (tábuas e cobertura de palha ou zinco) na comunidade de Boa Vista, onde as mulheres são casadas com outras etnias como Baré, por exemplo. Para os acampamentos de caça e pesca, são feitas coberturas sobre 4 paus e teto de palha ou lona (tapiris) que para eles na língua Nadëb não há diferença, todas são chamadas de casas (*ta tób*). Comumente a forma é quadrada ou retangular. Uma casa pode abrigar uma família doméstica composta de pai, mãe, filhos solteiros e ainda alguns parentes como tio solteiro, viúvos, sobrinhos, avó materna, ou seja, parentes que se agregam à família. Em algumas casas habitam dois ou mais grupos domésticos, especialmente, os genros com seus filhos. Cada grupo doméstico possui o seu fogo. A alimentação é de responsabilidade de cada família, exceto nas pescas e caças abundantes e aquilo que foi conseguido é dividido nas famílias locais entre os parentes sanguíneos e afins. Em relação à caça com arma de fogo (espingarda) o resultado pertence ao dono da arma. Se o que matou a caça não for o dono este entregará o produto ao dono da arma e receberá uma parte do mesmo.

O PERFIL LINGÜÍSTICO E SUA HISTÓRIA

A língua Nadëb recebe o mesmo nome da etnia Nadëb, pertencente ao grupo Maku Oriental. Autodenominação que traz o significado de “*gente*”.

Para os Nadëb do Rio Negro, há mais de 60 anos vivem em contato com a sociedade cabocla e índios do Rio, brancos estrangeiros, seringueiros, madeireiros, comerciantes. Desta forma, a língua nadëb na maioria das famílias não é mais a língua de comunicação entre eles. É mais usada pelos mais velhos, com exceção de uma ou duas famílias. Alguns jovens falam, mas não a usam no seu dia-a-dia. As línguas dominantes são: Língua Geral (Nheengatu) e Português. Para a maioria das crianças e jovens a preferência é o Português, sendo a língua de domínio e status.

Devido à discriminação racial e cultural e a educação escolar que é o Português os pais já não ensinam mais a língua tradicional.

Alguns, porém, expuseram a tristeza da perda da língua por causa da preferência dos pais e desejariam voltar a aprender a língua do seu povo.

Os primeiros estudos da Língua Nadëb começaram com o casal americano Joe e Lillian Boot. Lingüistas da SIL (Associação Internacional de Lingüística) iniciando com o grupo de Nadëb do Rio Negro que habitava nas proximidades do Tabocal do Rio Uneiuxi. Após observar a mistura da língua com as influências da Língua Geral, mudou-se para o “Roçado do Bill” no alto Uneiuxi, onde já habitava o outro grupo que é chamado de Nadëb do Roçado estando mais isolados sem uma influência externa maior, especialmente da língua.

Em seguida a lingüista Helen Weir da SIL lançou a proposta ortográfica da língua Nadëb com os estudos fonológicos na década de 80. Depois escreveu *A Negação e Outros Tópicos da Gramática Nadëb* sendo a sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas em 1984. Seu estudo resultou também em um dicionário que não fora publicado.

A ortografia da língua Nadëb é composta por seu quadro fonológico de dezessete consoantes e dezessete vogais. A estrutura da sílaba geralmente é CV(C) e o acento fixo na última sílaba. As vogais são formadas com muitos traços fonológicos como breves, longas, nasalizadas e laringalizadas. Podendo ocorrer até três traços fonológicos de uma só vez: alongamento, nasalização e laringalização. As vogais que são seguidas por consoantes nasais tornam-se nasalizadas, porém não são marcadas na ortografia tendo em vista sua ocorrência sempre após uma consoante nasal.

Para Weir havia pelo menos dois dialetos (Rio Negro e Roçado) mutuamente inteligíveis, onde os mesmos podem conversar naturalmente e comunicar-se bem. Tendo diferenças dialetais como pronúncia e vocabulário.

Os dialetos são mutuamente inteligíveis, sendo as diferenças principais nas áreas de pronúncia e de vocabulário. A única diferença gramatical que observei até agora se deve evidentemente à influência

do contato maior com a Língua Geral que tem o grupo localizado mais perto do Rio Negro.²⁰

Os estudos tiveram continuidade com o casal Rodolfo e Beatrice Senn, também da SIL, que veio a fazer algumas mudanças nos símbolos ortográficos, resultando em melhoria para a escrita da língua Nadëb. Hoje há um bom material de alfabetização (dividido em graus de dificuldades). Também a tradução de 60 por cento do Novo Testamento e 30 por cento do Velho Testamento na língua Nadëb. Uma boa parte dos Nadëb do Roçado é alfabetizada na língua materna (Nadëb) e Português.

O lingüista Valteir Martins também pesquisou e registrou alguns dados da língua Nadëb publicados em sua tese de doutorado *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental* pela Vrije Universiteit Amsterdam na Holanda no ano de 2005. Ele fala que há três dialetos: Roçado, Rio Negro e Jutai no Paraná Buá-Buá, no entanto, não cita nenhum dado do dialeto de Jutai em sua pesquisa. Inclui o dialeto do Rio negro referindo a este grupo de Nadëb do Rio Negro ao qual esta pesquisa se destina. Ele concorda com Weir que a diferença entre o dialeto do Roçado e o do Rio Negro é apenas lexical. Relata uma experiência entre um falante do Rio Negro com um do Roçado dizendo que a laringalização dos falantes do Roçado é mais áspera. Conclui que os dois dialetos compartilham o mesmo sistema fonológico.

Notam-se estas diferenças, especialmente na altura das vogais, entre um dialeto e outro. Portanto, o sistema fonológico do dialeto do Roçado e do Rio Negro é o mesmo não tendo nenhum dado comparativo com de os de Buá-Buá.

Martins (2005:55) afirma que: *“A principal distinção entre estes dois dialetos está na parte fônica de muitas palavras. Nos conjuntos de cognatos, verifica-se que Nadëb do Rio Negro possui fricativo glotal /h/ enquanto que o Nadëb do Roçado tem oclusivo glotal /ʔ/”*.²¹

Os exemplos 01 e 02 são representados pelos símbolos fonéticos do IPA (International Phonetic Alphabet):

²⁰ WEIR, 1984: 19.

²¹ MARTINS, 2005: 55

/ / → / /

(01) a. ajudar Nadëb Roçado [ãoo']

Nadëb Rio Negro [o']

b. aranha Nadëb Roçado [o']

Nadëb Rio Negro [o']

Outra diferença significativa, porém não sistemática, é a altura das vogais. No dialeto do Roçado as vogais são pronunciadas num nível mais alto que o dialeto do Rio Negro. Veja alguns exemplos:

/ / → / /

(02) a. anta Nadëb Roçado []
Nadëb Rio Negro []

/ / → / /

b. peixe Nadëb Roçado []

Nadëb Rio Negro []

/ / → / /

c. tucano Nadëb Roçado []

Nadëb Rio Negro []

Algumas diferenças lexicais – Dados grafados na língua Nadëb

Nomes de animais

03. a. cutia Nadëb Roçado /bahe/
Nadëb Rio Negro /majaw/

b- paca Nadëb Roçado /dapaah/
Nadëb Rio Negro /nepaah/

c- tucunaré	Nadëb Roçado	/rakonan/
	Nadëb Rio Negro	/dap/
d- pica-pau	Nadëb Roçado	/kawahed/
	Nadëb Rio Negro	/kuhed nuh/
e- jacaré-açu	Nadëb Roçado	/nawarij/
	Nadëb Rio Negro	/wanerii yb/

Outros exemplos:

(04) a- terçado (facão)	Nadëb Roçado	/mariij/
	Nadëb Rio Negro	/saraat/
b- lua	Nadëb Roçado	/kamarab/
	Nadëb Rio Negro	/korab/
c-beijú	Nadëb Roçado	/kanapiih/
	Nadëb Rio Negro	/madaaw/
d- tapioca	Nadëb Roçado	/sëej/
	Nadëb Rio Negro	/boog nuh/

A ordem básica dos constituintes das orações principais declarativas da língua Nadëb é OSV podendo ocorrer nas outras ordens também. Weir mostra alguns argumentos a favor da ordem dos constituintes baseados em sua própria experiência e nos escritos de alguns lingüistas como Derbyshire e Pullum 1981. Fala sobre a raridade das línguas estudadas se apresentarem com essa ordem de OSV. Cita algumas línguas que admitem essa ordem: Apurinã, Urubu e Xavante.

Observando ainda os estudos da língua Hup e Yuhup da família lingüística Maku nota-se uma predominância dessa mesma estrutura.

Segue abaixo alguns exemplos dessa ordem da língua Nadëb, especialmente nas orações transitivas declarativas.

Orações Transitivas:

(01) a. Dap ta-wëëh.

Tucunaré 3ps ele-comer+NI

Ele come tucunaré.

b. Ta-waa Marineide e-w'oop.

3ps comida Marineide forma-cozinhar+I

Marineide cozinha a comida dela.

Contudo, os dados fonológicos e gramaticais citados aqui são observações preliminares podendo sofrer alterações, pois esta é uma área que demanda mais pesquisa, um conhecimento maior da língua e a dinamicidade da mesma.

IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES SOCIAIS

Educação e Cultura

Sem o reconhecimento da identidade étnica e uma valorização sócio-cultural todo e qualquer projeto de educação lhes será insuficiente, pois vivem em um desequilíbrio de comunicação, visto que estão perdendo a língua tradicional e não são fluentes no Português o suficiente para obterem sucesso e boa aceitação social. Portanto, torna-se relevante a valorização do povo por meio de uma proposta educacional bilíngüe fazendo a transição de forma mais natural da língua materna para o Português, especialmente entre os jovens e adultos. No caso das crianças, o inverso será o ideal, tendo em vista a migração total para a língua portuguesa.

De acordo com Michael Kraus 27% das línguas sul-americanas não são mais aprendidas pelas crianças²². Isto ocorre por vários motivos, desde a imposição socioeconômica a uma ausência de uma proposta educacional do ensino da língua materna levando-os a migração total para a língua dominante que no caso do Brasil é o Português. Isto resultando em perdas culturais irreparáveis como a transmissão de

²² Michael Kraus apud LIDÓRIO 2006: 27.

conhecimentos, expressões artísticas e tradições orais. Normalmente há o que podemos chamar de “geração perdida”²³.

Contudo, há exemplos de resgate e valorização cultural acontecendo com alguns povos como é o caso dos Ticuna na região de Manaus.

O Jornal A Crítica de Manaus no dia 15 de Julho de 2007 mostra uma reportagem falando da importância da preservação cultural indígena por meio da produção de material didático para o ensino da língua nativa (materna). O povo beneficiado ali é o Ticuna, habitante tradicional da região do Solimões, com muitos residentes em Manaus, em sua grande concentração no bairro Cidade de Deus há 12 anos. É um grupo de aproximadamente 80 pessoas.

O material foi produzido por jovens Ticuna universitários e outros como o Sr. Domingos (Cacique) sob a direção da professora Dulce Franceschini, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Veja alguns depoimentos da comunidade Ticuna mostrando a alegria e auto-estima que essas iniciativas trazem para a valorização do seu próprio povo. A cartilha de alfabetização e o livro contando as histórias do povo são um patrimônio que, afirmam eles, jamais deve ser esquecido pelas gerações futuras. “Os velhos que nasceram lá podem esquecer e os mais novos não iam saber falar...” Disse ele feliz com o resultado do trabalho. (Domingos Ticuna – Líder da comunidade Ticuna em Manaus); “... é bom que eles entendam e falem Ticuna. Sem ter tido oportunidade de estudar nesse tempo em que vive na capital, quero um futuro diferente para os meus filhos e acho que não será difícil para os filhos aprender a ler e falar ticuna” (Elcilene Ponciano – 40 anos- mãe de 4 filhos). “Quero que eles falem nossa língua aqui” (Zenaide Pedrosa Araújo – 28 anos – mãe de 3 filhos). Esse é apenas um exemplo daquilo que precisa ser feito no resgate e valorização das etnias indígenas do Brasil.

Em relação à Educação dos Nadëb do Rio Negro vemos algumas realidades: com sua mobilidade geográfica eles vivem em grupos de aproximadamente 2 a 3 famílias domésticas, não tendo um número suficiente para uma escola funcionar entre eles (onde as secretarias educacionais exigem no mínimo 15 a 20 alunos), não é

²³ LIDÓRIO: 2005: 09.

possível encontrar esse número de crianças nos grupos locais; as distâncias entre os grupos regionais dificultam a concentração escolar em uma só localidade.

Àqueles que habitam a Ilha do Chile e Sítio Abianai passam alguns meses do ano nessas comunidades para os filhos utilizarem a escola. Nos fins de semana e em outros meses durante o ano retornam aos lugares onde mantêm suas moradias e roças, como o Igarapé Aiquari e Tabocal do Téa.

O nível de analfabetismo entre eles é alto. Cerca de 40% entre as crianças de 7 anos até jovens de 18 anos, e aproximadamente 60% de 18 anos em diante não sabem ler nem escrever. Alguns dizem ter freqüentado um pouco a escola, outros jamais a freqüentaram.

Certamente os fatores são diversos e carece de uma análise mais precisa.

Se a Constituição de 1988 prescreve e garante aos indígenas brasileiros o acesso à alfabetização em suas línguas maternas não deveria ser diferente para com os grupos Makú, especificamente aqui se tratando dos Nadëb do Rio Negro. As dificuldades devem ser vistas como desafios para a sociedade competente em repensar as atitudes tomadas em relação a eles diante de uma Constituição que garante respeito aos costumes de cada povo. O que é respeitar um costume de um povo se não há uma preservação e interesse por sua língua tradicional? Os Nadëb do Rio Negro como parte de um povo com característica de mobilidade geográfica (semi-nômades) também precisa de respeito e apoio condizentes com sua presente organização social.

É preciso que os missionários, a Prefeitura, a FUNAI, os índios ribeirinhos, as organizações indígenas e as ONGs atuantes na área elaborem, juntamente com os Maku, um programa educacional e sanitário que se adapte aos costumes deles, com unidades móveis de saúde e escolas itinerantes.²⁴

²⁴ Enciclopédia Instituto Socioambiental. Site. <http://www.isa.org.br/pib/epi/maku/politorg.shtm>. Acesso dia 26/10/07.

Faz-se necessário refletir e unir forças para o resgate e a preservação sociocultural de um povo por meio da educação e registro do conhecimento cultural do mesmo.

Tendo identificando essa necessidade social proponho a produção de uma cartilha para alfabetização e letramento na língua tradicional iniciando-se com aqueles que falam a língua. Isto é relevante para a valorização da identidade cultural, conservação da etnia como povo específico, levantamento da auto-estima, apreciação dos seus talentos, resgate lingüístico e incentivo ao ensino das crianças e jovens. Isto é, gente fazendo gente!

CONCLUSÃO

Diante das informações obtidas e registradas faz-se necessário o reconhecimento do direito de serem tratados com suas peculiaridades culturais pelos órgãos públicos competentes. Proponho que o povo seja denominado e reconhecido como um povo distinto étnica e socialmente. Perante as possibilidades e diversos etnônimos usados para com o povo em consulta ao mesmo e fundamentada nas pesquisas expostas, concluo que o termo mais adequado para tratá-los seja **Nadëb do Rio Negro**.

Proponho o reconhecimento do Rio Téa como sua terra natal (*homeland*), afluente da margem direita do Rio Negro a aproximadamente três horas rio acima de Santa Isabel do Rio Negro com motor de popa 15hp.

Lembre-mos que a humanidade é uma criação especial dentro de um espaço e tempo com suas peculiaridades básicas: social, física, emocional, cultural, moral e espiritual. Portanto, nenhum grupo humano deve ser preterido de conhecer seu passado e participar da elaboração do seu futuro. Sem um conhecimento histórico e reconhecimento social os Nadëb do Rio Negro permanecerão em franco processo de extinção sociocultural. Além da irreparável perda em âmbito étnico não serão poupados dos processos de sofrimento humano promovidos pela humilhação de

serem um povo sem identidade e reconhecimento, bem como sem assistência a que carecem e merecem.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Marcelo. ***Os Hupdah e o Letramento na Língua Materna – A Escrita como Elemento de Valorização de um Povo Preterido***. Revista Antropos. Vl.1, Ano 1, Novembro de 2007a.

FOIRN/ISA. ***Povos Indígenas do Rio Negro – Uma Introdução à Diversidade Socioambiental do Noroeste da Amazônia Brasileira***. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, 2006.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2005. ***Dois anos entre os indígenas: viagens ao Nordeste do Brasil (1903-1905)***. Manaus: EDUA/FSDB.

KRAUS, Michael. ***The World's languages in crisis***. In Ronaldo Lidório. ***Com a Mão no Arado***. pg. 27.

LIDÓRIO, Ronaldo. ***Indígenas do Brasil***. Viçosa: Ultimato, 2005, pg. 09.

MARTINS, Valteir. ***Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental***. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2005.

MÜNZEL, Mark. ***Notas Preliminares sobre os Kaborí (Makú entre o Rio Negro e o Japurá)***. In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1969.

OSSAME, Ana Célia. ***Ensina-se Ticuna***. Jornal acrítica cidades. Manaus, 2007. Art.pg.01

POZZOBON, Jorge. ***Maku***. Instituto Socioambiental – ISA. 1999. Disponível na World Wide Web: <<http://www.socioambiental.org/pib/epi/maku/> politorg.shtm> Acesso em 26/10/07.

SENN, Beatrice & WEIR, Helen. ***Cartilhas 1, 2, 3 e 4 na Língua Nadëb***. Porto Velho: SIL, 2005 3. ed.

_____. ***Fonologia Nadëb***. Porto Velho: SIL, 1999.

SILVA, Cácio & SILVA, Elisângela. ***A Escrita dos Yuhupdeh - O Registro Ortográfico de Uma Língua Indígena do Alto Rio Negro***. Revista Antropos. Vl.1, Ano 1, Novembro de 2007b.

SILVERWOOD-COPE, Peter Lachlan. ***Os Maku – Povo Caçador do Noroeste da Amazônia***. Brasília: UnB, 1990.

WEIR, E. M. Helen. ***A Negação e outros Tópicos da Gramática Nadëb***. Campinas: Unicamp, 1984.

APÊNDICE - LEVANTAMENTO DEMOGRAFICO EM JUNHO DE 2007
POVO NADËB DO TÉA

SÍTIO DA COMUNIDADE DA ILHA DO CHILE – 03 casas

1. **Esposo:** Paulino de Sousa Sabino

Esposa: Zezé de Sousa

Filhos solteiros: Lindomar de Sousa,

Ilton de Sousa,

Paulo Sousa Filho,

Nilson de Sousa,

Edilene de Sousa,

Marta Maria de Sousa,

Edmilson Sousa (*filho da Edilene*).

Filhos casados: Laura Melgueiro Sabino,

Esmeraldo da Silva Sabino (esposos)

Inácio da Silva Sabino (filho da Laura)

Sebastião Sabino (Pai de Inácio)

2. **Esposo:** Valdeci da Silva

Esposa: Marineide Miguel

Filhos: Valdenilson Miguel da Silva

Vanilton Miguel da Silva

Amanda Miguel (mora em S. Paulo criada por patrões brancos).

José Bento (tio da Esposa – viúvo)

3. **Esposo:** Alberto Sabino

Esposa: Maria Miguel Sabino

Filhos: Gilmar Sabino

Filhos casados: Marileide Sabino

Reginaldo (Esposo de Marileide – Tukano)

Mariete Lourenço Sabino

José Nilson Sabino Lourenço (esposo de Mariete)

Juliano Sabino Lourenço (filho de Mariete)

IGARAPÉ MONTE ALTO – 02 casas

4. **Esposo:** Gabriel Mateus

Esposa: Etelvina da Silva (Desano)

Filhos: Arlindo dos Santos

Valdenor dos Santos

Claudemir dos Santos

5. **Mãe:** Marcília Idalina Mateus

Filhos: Everaldo Idalino

Jucicléia Idalina (neta e criada)

ILHA OTRÃO – RIO NEGRO – 02 casas

6. **Esposo:** Cristóvão Idalino (caboclo)

Esposa: Edna Idalina dos Santos

Filhos: Everaldo Idalino

7. **Esposo:** José Silva

Esposa: Claudinéia Silva Santos

Filhos: Sergiana Silva

Gilcéia Silva

José Ilson Silva

Cleison Silva

TABOCAL DO UNEIUXI – o8 casas

8. **Esposo:** Américo Lopes (Baré)

Esposa: Jovelina Castelo

Filhos: Celso Castelo Lopes

Jeremias Castelo Lopes

Juliana Castelo Lopes

Josilene Castelo Lopes

Abel Castelo Lopes

Roberto Castelo Lopes

Josimara Castelo Lopes

Adilson Castelo Lopes

Tom Castelo Lopes

Jonilson Castelo Lopes

9. **Esposo:** Marcos Batista

Esposa: Aurora Adão

Filhos: Ivan Batista
Maravânio Batista
Ezildo Batista
Elder Batista
Deusamir Batista
Elirrone Batista
Nilza Batista
Adão Batista
Marquinhos Batista
Wilson Batista
Maria de Lourdes Adão (casada com Gétulio Nadëb do Roçado)
Madalena Adão (filha de Maria de Lourdes – neta)
Vilmara Adão (casada com Nadëb do Roçado)
Patrícia Adão (filha de Vilmara)

10. **Esposo:** Luís da Silva Batista

Esposa: Lucimar da Silva Lopes

Filhos: Julival da Silva Batista

Luciano da Silva Batista
Jeremias da Silva Batista
Lucivânia da Silva Batista
Edivaldo da Silva Batista
Julivaldo da Silva Batista

Elivaldo da Silva Batista

Luciana da Silva Batista

Zelilson da Silva Batista (filho da Luciana – neto)

11. **Esposo:** Cleton Castelo

Esposa: Derli Mateus

Filhos: Cleuson Mateus

12. **Esposo:** Edjalma Lopes Melgueiro (Barê)

Esposa: Andréia Castelo

Filhos: Rosane Lopes Castelo

Eliane Lopes Castelo

Leidiane Lopes Castelo

Leidilene Lopes Castelo

13. **Esposo:** Francisco Alcides Almeida

Esposa: Maria Terezinha

Filhos: Elidório Almeida

Ricardo Almeida

Leilton Almeida (estuda em Sta. Isabel – 8ª série),

Alcimir Almeida

Rosângela Almeida

Leulton Almeida (sobrinho – criado)

Filhos casados: Ângela Almeida

Domingos - Tucano (esposo da Ângela)

Leidiane Almeida (filha da Ângela)

Marivone Almeida (Filha da Ângela)

14. **Esposo:** Adalberto Sabino Silva

Esposa: Analine Sabino Silva

Filhos: Adalton Sabino Silva,

Ivanete Sabino Silva

Mariene Sabino Silva

Rogério Sabino Silva

15. **Esposo:** Marciminiano (Viúvo)

Filha: Gracimar Maria

Marlinéia (filha de Gracimar – neta)

Feliciano (tio do Marciminiano)

Eugênia (tia do Marciminiano – irmã do Feliciano)

16. **Esposo:** José Marve

Esposa: Sandra Marve Silva

Filhos: Josué Silva

17. **Esposo:** Walter da Silva

Esposa: Marlene Silva

Filhos: Valtenir da Silva

Valteilson da Silva

Chirlene da Silva

Tatiana da Silva

Valsinha da Silva.

Valcilene da Silva

Marcilene da Silva

COMUNIDADE BOA VISTA – 20 Casas

18. **Esposo:** Camilo José Lourenço

Esposa: Neusa de Paula Lourenço

Filhos casados: Rosângela de Paula Lourenço

João de Sousa Nina – esposo da Rosangela (Baré)

Filhos da Rosângela: Jonhn de Paula Nina

Oscar de Paula Nina

Nadja de Paula

Selma de Paula

José Ribamar

Lourenço (esposo de Jossilene)

Jossilene Sabino Galvão (esposa de José Ribamar)

19. **Esposo:** Itamar Antônio Machado (viúvo)

Filhos: Deulimar Pena Machado

Deusimara Pena Machado

Josimar Pena Machado

Dirlei Machado (esposa de Josimar)

Filhos de Josimar: Darlei Machado

Bertônio Machado

Mônica Machado

Doralice Pena Machado (filha casada)

Francisco de Paula (esposo de Doralice)

Filhos de Doralice:

Marciléia Paula Machado

Geane Paula Machado

Nilcimara Paula Machado

20. **Esposa:** Lucia Lourenço Sabino (viúva)

Filhos casados: Nilzete Lourenço Sabino

João Sabino (esposo da Nilzete)

José Lourenço Sabino (casado mora em Sta. Isabel)

Filhos da Nilzete: Alex Sabino

Genilson Sabino

Marilúcia Sabino

Lanilson Sabino

Denílson Sabino

21. **Esposo:** Placi Rodrigues Pancrácio

Esposa: Maria do Carmo de Paula

Filhos: Joaquim Rodrigues de Paula (serve ao exército em S.G. C)

Erivaldo Rodrigues de Paula

Maria Auxiliadora de Paula

Elton Rodrigues de Paula

André Rodrigues de Paula

Fábio Rodrigues de Paula

Aliciane Rodrigues de Paula

Zulimar Galvão (mãe de Maria do Carmo) – mora com eles.

22. **Esposo:** Evelin Sabino

Esposa: Deusimar Machado

Filhos: Evanir Sabino Machado

Vanderlente Sabino Machado

23. **Esposo:** Osvaldo Oliveira Sousa (Baré)

Esposa: Raimunda Paula de Sousa

24. **Esposo:** Iran José Pancrácio

Esposa: Isabete Rodrigues

Filhos casados: Alcivã Pancrácio

Alcilene Pancrácio (esposa de Alcivã)

Lozanildo Rodrigues Pancrácio

Francilene Pancrácio (esposa de Lozanildo)

Filhos de Alcivã: Marta Pancrácio

Conceição Pancrácio

Erivan Pancrácio

Olívia Pancrácio

Filhos de Lozanildo: Alessandro Rodrigues Pancrácio

Fernando Rodrigues Pancrácio

Fernanda Rodrigues Pancrácio

Regiane Rodrigues Pancrácio

Rosane Rodrigues Pancrácio

Leonardo Rodrigues Pancrácio

25. **Esposo:** Françoar Laranjeira

Esposa: Marielma Laranjeira

Filhos: Francelma Laranjeira

Beatriz Laranjeira

Bianca Laranjeira

Liliane Laranjeira

26. **Esposo:** Antenor Batista

Esposa: Maria Auxiliadora Batista

Filhos: Denis Batista

Elcijane Batista

Alberta Batista

Daniel Batista

Leônis Batista

Davina Batista

Laurinda Batista

Sandy Batista

27. **Esposo:** João Batista (não tem esposa)

Filhos: Valteli Batista

Sidiclei Batista

28. **Esposo:** Joaquim Sabino

Esposa: Marilene Sabino

Filhos: Lailson Sabino

Lenilza Sabino

Carlos Sabino

Elivandro Sabino

29. **Esposo:** Ruberlan Sabino

Esposa: Josselene Sabino

Filhos: Queciane Sabino

Roberto Sabino (cunhado – irmão de Josselene)

30. **Esposo:** Albert Galvão

Esposa: Madalena Galvão

Filhos: Rigalberto Galvão

Thiago Galvão

Simão Galvão

Edmundo Galvão

Elaine Galvão

Nalberto Galvão

SÍTIO FÍLIS - BOM JARDIM – 01 Casa

31. **Esposo:** Luis Alberto Sousa

Esposa: Celina Batista

Filhos: Jonhn Batista Sousa

Jonas Batista Sousa

Susane Batista Sousa

Almir Batista Sousa

Susana Maria Sabino (Mãe de Luis Alberto)

Almilton Sabino (viúvo – primo de Luís)

SÍTIO BOM JARDIM – SEDE – 02 casas

32. **Esposo:** Raimundo Batista Galvão

Esposa: Alzira Sabino da Silva

33. **Esposo:** Nei Pancrácio Galvão

Esposa: Zilma da Silva Galvão

Filhos: Paulo da Silva Galvão

Edson da Silva Galvão

Carolina da Silva Galvão

Moisés da Silva Galvão

Gabriela da Silva Galvão

Gabriel da Silva Galvão

Nezinho da Silva Galvão Filho

SANTA ISABEL DO RIO NEGRO

34. **Esposo:** Henrique Odda (Japonês)

Esposa: Maria do Vale Galvão

35. **Esposo:** Marcelino Sabino

Esposa: Catarina (Tucano)

SÍTIO ABIANAI – 03 Casas

36. **Mãe:** Aleida Sabino

Filhos: Naba Sabino

Jandeci (esposo de Naba)

Filhos: 3

Tomé (filho de Aleida)

Jucineide (esposa de Tomé)

Filhos: 3

IGARAPÉ AIQUARI – 03 Casas

37. **Esposo:** Albano da Silva

Esposa: Josefina da Silva Fernandes

Filhos: Renato da Silva

Luci da Silva

38. **Esposo:** José Miguel Sabino

Esposa: Lucimar da Silva

Filhos: Marivânia da Silva Sabino
Gloria da Silva Sabino
Lucimara da Silva Sabino
Romário da Silva Sabino
Zé Maria da Silva Sabino
Maria do Socorro da Silva Sabino
Luciana da Silva Sabino
Aparecida da Silva Fernandes (filha de Marivânia – neta)

39. **Mãe:** Maria Jovita Gama

Filho: Moacir Sabino Gama

40. **Esposo:** Valdomiro Sabino

Esposa: Ana Maria Sabino da Silva

Filhos: Gracimar Sabino
Edson sabino da Silva
Elcimar Sabino da Silva
Cleitiane Sabino da Silva
Valdomirinho da Silva Sabino
Allison Sabino
Valdiabson Sabino da Silva
Maira Sabino da Silva
Mariana Sabino (filha da Gracimar – neta)

41. **Esposo:** Eder Machado

Esposa: Marilene da Silva

Filhos: Reinaldo da Silva Machado

Alberto da Silva Machado

Mariane da Silva Machado

ALDEIA ROÇADO – UNEIUXI

42. **Esposo:** Manoel da Silva (casado com Nadëb do Roçado - tem 4 filhos).

Benedito da Silva (irmão de Manoel da Silva - Solteiro - mora com irmão).